

# **PRECONCEITO LINGÜÍSTICO SOFRIDO POR PESSOAS COM BAIXO GRAU DE ESCOLARIDADE NO BAIRRO DE SANTA LUZIA NO MUNICÍPIO DE MAUÉS.**

Francinilda Andreice Brandão da Silva <sup>1</sup>

Franklin Roosevelt Martins de Castro<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem como título o Preconceito Linguístico, onde o principal objetivo da presente pesquisa é analisar os fatores responsáveis pelo Preconceito Linguístico, sofrido por pessoas com baixo grau de escolaridade da rua Maria Madalena, no bairro Santa Luzia em Maués-AM, além de identificar como esse preconceito afeta a convivência social dessas pessoas. Com isso para que fosse possível ter uma compreensão mais apurada sobre o assunto, a pesquisa partiu primeiramente dos estudos já realizados por Bagno (2006, 2007, 2008), Martelotta (2010), Goffman (1998), Calvet (2002), Labov (2008), entre outros estudiosos do assunto. Após este estudo bibliográfico foi feita uma pesquisa de campo utilizando o método quantitativa, onde o tipo de pesquisa foi o descritivo. De acordo com essa pesquisa realizada pode-se concluir que de fato a variante utilizada por este grupo de pessoas com um grau de escolaridade baixa é a considerada de menos prestígio, o que as torna alvo de preconceitos que faz com que essas pessoas sintam se inferiores em relação as demais que fazem uso da variante de maior prestígio.

**Palavra-chave:** preconceito; linguística; norma.

## **INTRODUÇÃO**

Atualmente existe um grande índice de discriminação em relação ao modo como pessoas falam, principalmente quando a variante utilizada é diferente do que chamam de “português correto”. Essa questão acaba por desencadear diversos problemas, principalmente a exclusão social. Isso nos leva a refletir sobre até que ponto o preconceito linguístico pode contribuir para essa exclusão.

Partindo dessa problemática, surgiu a necessidade de investigar para melhor compreendermos os fatores responsáveis por esse tipo de preconceito. Haja vista que esse problema afeta principalmente pessoas que possuem uma baixa instrução educacional; essas pessoas por diversas vezes acabam sendo bombardeadas com diversas críticas por usarem uma variante linguística pouco prestigiada pelos que se consideram falantes do “português verdadeiro”, muitas vezes são ridicularizados e humilhados por tal ato, esse tipo de ação acaba contribuindo ainda mais pra a enorme desigualdade social que assola

---

<sup>1</sup> Aluna do Curso do curso de Licenciatura em Letras – UEA/NESMAU (Núcleo de Ensino Superior de Maués)

<sup>2</sup> Professor Orientador. Professor Assistente na Universidade do Estado do Amazonas UEA. Doutorando em Linguística na UNICAMP. Mestre em Filosofia. Licenciado em Filosofia. Licenciado em Letras.

nosso país. Segundo Bagno (2007), “Muitas vezes, os falantes das variantes desprestigiadas deixam de usufruir diversos serviços a que tem direito simplesmente por não compreenderem a linguagem empregada pelos órgãos públicos”. Isso faz com que essas pessoas achem que não tem espaço pra eles nessa sociedade e acabam excluindo-se desse convívio social, sem perspectiva nenhuma de melhoria de vida.

O presente artigo está dividido em três partes. Na primeira temos referencial teórico este vem composto por seus subtópicos, os quais partem desde a sociolinguística de modo geral destacando suas principais correntes de pensamento até o preconceito linguístico de modo a mostrar o que é e de que maneira é executado na sociedade.

Na segunda parte temos a metodologia na qual foi feita dois tipos de pesquisa. A primeira foi a pesquisa bibliográfica a qual segundo Gil (1989, p.71) possibilita que o pesquisador tenha um conhecimento mais apurado, fornecendo informações claras sobre o objeto estudado. Além da pesquisa de bibliográfica, para que pudesse ser feita uma mesclagem entre teoria e prática, foi necessário realizar uma pesquisa de campo de cunho quantitativo. Segundo Fonseca (2002, p.20):

A pesquisa quantitativa se centra na objetividade.

Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser

compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com

o auxílio de instrumentos padronizados e neutros.

Dessa forma foi possível a coleta substancial dos dados necessários para a conclusão desse artigo.

Na terceira parte temos as análises e discussões dos resultados, esta etapa vem trazendo a interpretação dos dados que foram coletados durante a pesquisa de campo, a tabulação dos dados está representada através de tabelas, para assim verificar como o preconceito linguístico vem afetando esse grupo de pessoas.

Por último temos as considerações finais, aqui retomamos toda a discussão que tem sido feita durante o decorrer do artigo, a problemática de que o preconceito linguístico vem afetando de forma significativa a interação social de pessoas com um grau inferior

de estudo e pertencente a classes sociais mais baixas é notória, isso corrobora ainda mais para o crescimento da desigualdade no país.

É por esta razão que é de suma importância a concretização deste trabalho, pois através dele e em conformidade com os inúmeros trabalhos já existentes relacionados ao preconceito linguístico, será possível fazer ou pelo menos tentar uma possível conscientização de que o Brasil é um país diversificado no âmbito linguístico e que cada grupo social tem seu próprio modo de comunicação, o que não os torna melhor nem inferior a nenhum outro grupo.

---

<sup>1</sup>-Aluna do curso de Licenciatura em Letras- UEA/NESMAU (Núcleo de Ensino Superior de Maués)

<sup>2</sup>-Professor orientador na UEA, Doutorando em Linguística na Unicamp. Mestrado em Filosofia, Graduação em Letras, Graduado em Filosofia.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **SOCIOLINGUÍSTICA**

A linguagem humana e a sociedade são fatores que estão estreitamente conectados. E, para que seja possível compreender essa relação surge, dentro da linguística, uma área responsável por cuidar diretamente do estudo dessas conexões, este campo científico é denominado Sociolinguística. A sociolinguística surge como um campo de estudo da ciência no final da década 50, com as ações pioneiras dos teóricos, Uriel Weinreich, Charles Ferguson e Joshua Fishman, os quais desencadearam diversos trabalhos voltados para investigação dos fenômenos linguísticos. No entanto, a sociolinguística começa a dar um passo ainda mais largo com o teórico William Labov, este revolucionou com seus novos estudos que tentam compreender a forma como os falantes de uma determinada língua a utilizam no meio em que vivem. De acordo com Martelotta (2009), a sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Assim a sociolinguística desponta como sendo a ciência

que procura compreender a língua falada no uso habitual do falante, em contextos reais, levando em conta diversos aspectos podendo ser eles, culturais, sociais, regionais, entre outros.

Sendo assim, a sociolinguística estuda a língua como sendo uma prática social desenvolvida pelos indivíduos de uma comunidade, compreendendo, portanto, que seu principal objetivo é promover de forma eficaz a interação e a comunicação entre as pessoas que vivem e convivem em um determinado meio social. A língua então, é considerada um instrumento de comunicação entre indivíduos, e assim sendo está sujeita a diversas mudanças e variações, dependendo de que ambiente de fala se está inserido. Assim, a língua se mostra como sendo um gigantesco e complexo sistema do qual Tarallo (1994, p. 6) diz que “a cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é a um só tempo heterogênea e diversificada”. Assim, a língua varia em diversos aspectos, de acordo com a situação socio-comunicativa de cada indivíduo que venha a utiliza-la.

Sendo então que a língua é um sistema complexo, que sofre muitas variações em diferentes aspectos, a sociolinguística conta com três correntes importantíssimas que analisam e nos ajudam a compreender com mais clareza esta grande diversidade linguística. São elas: a dialetologia, sociolinguística variacionista e a sociolinguística interacional.

## **DIALETOLOGIA**

Começamos então a falar sobre a primeira corrente, a dialetologia. Este ramo da sociolinguística surgiu em meados do século XIX, é responsável pelo estudo científico dos dialetos linguísticos, responde também pelo o estudo das variações idiomáticas que se baseia principalmente na distribuição geográfica, seu foco principal de estudo está entre dois dialetos locais que possuem um ancestral em comum. Os principais autores que se destacaram nesse ramo foram Segundo Dubbois (2004, p. 79)

[...] a dialetologia é o estudo conjunto da geografia linguística e dos fonemas de diferenciação dialetal ou dialeção, pelas quais uma língua relativamente homogenia numa dada época sofre no curso da história algumas variações – diacrônicas em certos pontos e de outra natureza noutros- até terminar em dialetos, e mesmo em línguas diferentes. Então, a dialetologia, para explicar a propagação ou a não-propagação desta ou daquela inovação, faz intervir razões geográficas (obstáculos ou ausência de obstáculos), políticas (fronteiras mais ou menos permeáveis), socioeconômicas, socioculturais (rivalidades locais,

noção de prestígio) ou linguística (influência de substrato, de super estrato, de adstrato).

Diante do exposto, a dialetologia baseia-se principalmente nas diferenças geográficas pois são elas as responsáveis pela complexidade e variação de uma determinada língua. Nesse sentido este campo preocupa-se com a descrição e registros das variações linguísticas encontradas nas diversas regiões de um país.

Estes estudos são realizados de várias maneiras, nesse caso leva-se em consideração a diferença geográfica de cada região, então, este estudo pode ser feito de forma sincrônica, quando a língua sofre um recorte em um determinado ponto do tempo; diacrônica, que são especificamente as transformações que a língua sofre em sua evolução no decorrer do tempo; diatópica, quando são descritas levando em consideração de cada região ou diastrática, quando considera-se mais precisamente os aspectos sociais de uma região.

Diante disso pode-se dizer que o Brasil é um grande celeiro de dialetos a serem estudados. Brandão (1991, p. 16-17) diz que:

O Brasil, em decorrência do processo de povoamento e colonização a que foi submetido, bem como das condições em que se deu sua independência política e seu posterior desenvolvimento, apresenta grandes contrastes regionais e sociais.

Isto posto, podemos então afirmar que nosso país, por decorrência da grande diversidade cultural que possui, nos dá também um número muito grande de dialetos, muitos que até não temos conhecimento mais que de fato existem, outros ainda pouco conhecidos, mas que tem a mesma importância que os demais.

## **SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA**

Outro ramo da sociolinguística a se destacar é a sociolinguística variacionista, esta por sua vez, preocupa-se com o estudo das variações linguísticas, que se dá de acordo com o meio social em que um determinado indivíduo está inserido. Tarallo (1986, p. 08) afirma que: “variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contato com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variante dá-se o nome de variável linguística.

Este modelo teórico surgiu a partir dos estudos realizados pelo linguista norte-americano William Labov. Como afirma Martelotta (2010, p.141) “[...] firmou-se nos Estados Unidos na década de 1960 com a liderança do linguista William Labov e é comumente denominada de” Sociolinguística Variacionista” ou “teoria da variação.”

Diferente do estruturalismo a sociolinguística variacionista, tem como objeto de estudo, a fala e seus significados, investiga como uma variante se firma em uma comunidade de fala de uma determinada língua, valorizando o contexto em que seus falantes estão inseridos; outro foco essencial é a compreensão da variação e das mudanças linguísticas. Martelotta (2010, p.142) em relação a isso afirma que “A abordagem variacionista baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos do dia-a-dia. Procura demonstrar como uma variante se implementa na língua ou desaparece.”. Vê-se, portanto, que este campo de estudo analisa as mudanças que se dão principalmente por sofrerem influência de fatores externos como por exemplo os comportamentos que cada pessoa tem quando está no seu convívio sociais.

Sendo assim, pode-se afirmar que as variações que ocorrem em uma determinada língua, estão relacionadas principalmente com os inúmeros fatores externos que uma comunidade de fala possui, o que a torna um fenômeno cultural dentro de uma sociedade.

## **SOCIOLINGUISTICA INTERACIONISTA**

A terceira corrente de raciocínio é chamada sociolinguística interacionista, está é um ramo da sociolinguística, a qual faz uso da Análise do Discurso para estudar de que maneira o usuário de uma determinada língua é capaz de criar significados através das interações sociais. Segundo GOFFMAN (2002, p. 17)

[...] um ambiente que proporciona possibilidades mútuas de monitoramento, qualquer lugar em que um indivíduo se encontra acessível aos sentidos nus de todos os outros que estão ‘presentes’, e para quem os outros indivíduos estão acessíveis de forma semelhante.

Nesta perspectiva a linguagem é vista como uma grande interação conjunta, nesta vertente é levado em consideração a linguagem utilizada no momento da interação e também o contexto no qual essa comunicação é desenvolvida, observando assim a reação de cada indivíduo e analisar principalmente qual a intenção deste indivíduo ao tentar repassar uma mensagem no momento dessa interação com um outro indivíduo dentro de

um determinado ambiente social. Essa é a preocupação da linguística interacional, e sobre este campo Goffman (2002) afirma que está “representa o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do “eu” de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção.

Assim, este pode nos explicar diversos comportamentos de um indivíduo falante no ato de sua fala, tais como: posturas corporais, gestos, frases, palavras, entre outros aspectos, para que este indivíduo possa se expressar levando em conta o contexto em que está inserido no momento da fala.

## **VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

A língua é um organismo vivo e por esta razão está em constante mudança e sujeita a alterações, estas mudanças a que estão sujeitas toda e qualquer língua acontecem de maneira natural e surge da necessidade de comunicação do indivíduo, é o que chamamos de variação linguística. É um movimento comum e natural dentro de uma língua, mesmo que um país tenha um único idioma determinado como sendo o oficial a língua pode sofrer inúmeras variações feitas por seus próprios falantes, são as variantes linguísticas. Taralho (1986, p. 08) afirma que: “variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística.”

Essas variações se dão em três contextos. Histórico, quando a língua sofre mudanças ao longo do tempo, como é o caso de algumas palavras que antigamente era grafada com ph e hoje são escritas com F, como é o caso da palavra farmácia. Geográfico, são as variações que ocorrem nas diferentes regiões de acordo com a cultura predominante deste dado local como por exemplo, palavras diferentes utilizadas para um mesmo objeto, animal, fruta e etc., como é o caso do jerimum que é também conhecido como abobora em outras regiões do país. Sociocultural, este se dá pela interação social dos indivíduos, é a variação utilizada pelos grupos de pessoas dentro da sociedade, as gírias, os jargões, entre outros, também aspectos como a idade, a classe social, a profissão e o grau de escolaridade de cada indivíduo. Com isso pode-se dizer que as variações se dão principalmente por fatores externos e não apenas por fatores internos de uma determinada língua. Sobre este fato Mollica (2003, p. 10) ressalta que “ela parte do pressuposto de que toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível”.

É muito comum ouvirmos em determinadas ocasiões, que o Brasil possui uma grande variação linguística que pode ser constatada em cada região do país, haja vista que o Brasil é resultado de uma grande miscigenação, por isso não podemos desconsiderar as muitas línguas indígenas que ainda são utilizadas até hoje no Brasil, assim também como a quantidade considerável de imigrantes que chegaram e chegam ao país contribuindo assim para a formação dessa variação de línguas . Bagno (2008, p. 27), afirma que:

[...] são faladas mais de dezenas de línguas indígenas, línguas trazidas pelos imigrantes europeus, asiáticos, línguas surgidas das situações de contato nas extensas zonas de fronteiras com os países vizinhos, além de falarem diversas línguas africanas pelas vítimas do sistema escravista.

Considerando essa afirmação é possível observar que o Brasil é extremamente rico em variações de línguas, as palavras variam em sua pronúncia, em cada estado do território brasileiro é possível constatar uma grande diferença no português falado no Sul do país do português falado no Norte, o que reforça a teoria da “heterogeneidade da língua” defendida por Labov (2008, p. 259) o qual acreditava que “a língua não é algo singular, não pertence unicamente a um indivíduo, ao contrário é um fenômeno plural pertencente a uma determinada comunidade ou seja, deve ser levado em conta não apenas a fala individual mais sim a comunidade falante.”

Para facilitar o entendimento do que são essas variedades linguísticas, a sociolinguística reconhece alguns diferentes tipos de variações no modo como é pronunciado uma determinada língua, estas dependem de fatores como, diferenças entre regiões de um mesmo país, condições sociais, faixa etária, etc., as principais são: variações diafásicas, variações diatópicas, variações diacrônicas e variações diastráticas.

A variação diafásica está relacionada com as diferentes situações de comunicação, é quando um mesmo falante muda sua forma de falar de acordo com o ambiente em que está inserido naquele dado momento, ou seja, dependendo do se a situação é formal ou informal o sujeito varia seu registro de língua de maneira a adapta-la aquela determinada circunstância.

A variação diatópica é o que chamamos de variação regional, em suma, nada mais é do que uma mesma língua sendo falada de uma forma diferente dependendo da região onde se vive, esta leva em conta principalmente os fatores geográficos. De acordo com



Mussalim; Bentes (2001, p. 34) “a variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas”.

A exemplo, podemos citar as palavras mandioca e aipim, são duas palavras distintas, usadas em regiões diferentes mais que são usadas para denominar uma mesma coisa. Essas variações que ocorrem em diferentes regiões são denominadas dialetos, este por sua vez ocorre de acordo com o a cultura local de cada região.

Variação diacrônica, nada mais é do que a mudança da língua através dos tempos, é uma mudança linguística histórica pelas quais qualquer língua passa no decorrer do tempo. Podemos observar essa variação na nossa língua portuguesa, há diversas palavras que eram utilizadas no português arcaico que atualmente não se usa mais atualmente. Essa variação ocorre de forma lenta, por etapas até que a nova forma seja consolidada. Por exemplo, antigamente era comum usar o pronome “vosmecê” hoje esse termo foi substituído pelo pronome “você”.

Por fim temos a variação diastrática, esta ocorre em função da convivência entre grupos sociais, é a linguagem utilizada pelos diversos grupos sociais que compõem uma sociedade. Essa variação é o que distingue os diferentes grupos sociais, tem a ver com a identidade dos falantes assim também como mostra como uma comunidade está organizada socioculturalmente. Esta variação linguística leva em consideração principalmente a classe social, a idade e o sexo do falante.

Diante dessas afirmações, podemos compreender que a língua, não é algo imutável, homogênea que permanece a mesmo no decorrer dos tempos, ao contrário, a língua é um organismo vivo e como todo organismo vivo está em constante mutação. Por esta razão é tão importante compreendermos essas mudanças, essas variações, pois além de enriquecer o conhecimento acerca da língua que falamos e todo seu funcionamento evita-se um outro problema social que vem crescente significativamente no decorrer dos anos, o chamado preconceito linguístico.

## **PRECONCEITO LINGUISTICO: O QUE É E COMO SE FAZ**

O preconceito linguístico é uma das formas de discriminação mais praticadas em nossa sociedade, sendo também um enorme motivo para exclusão social, principalmente de pessoas que não possuem um nível de escolaridade elevado. Bagno (2006) afirma que:

[...] as pessoas que dizem Cráudia, praca, pranta pertencem a uma classe social desprestigiada, marginalizada, que não tem acesso à educação formal e aos bens culturais da elite, e por isso a língua que elas falam sofre o mesmo preconceito que pesa sobre elas mesmas, ou seja, sua língua é considerada “feia” ”pobre” ”carente”, quando na verdade é apenas diferente da língua ensinada na escola.

Comumente a linguagem que não segue o padrão utilizado pela classe dominante é considerada vulgar e errada, o que leva a comentários muitas vezes, com sentido pejorativo causando constrangimento. Como é possível notarmos, o apego excessivo que se tem pela gramática normativa, faz com que esse tipo de problema se torne cada vez mais frequente. Alkmim (2001, p. 39):

Em qualquer comunidade de fala podemos observar a coexistência de um conjunto de variedades linguísticas. Essa coexistência, entretanto, não se dá no vácuo, mas no contexto das relações sociais estabelecidas pela estrutura sociopolítica de cada comunidade. Na realidade objetiva da vida social, há sempre uma ordenação valorativa das variedades linguísticas em uso que reflete a hierarquia dos grupos sociais. Isto é: em todas as comunidades, existem variedades que são consideradas superiores e outras inferiores.

A ideia de que existe apenas uma língua correta, faz com que essa exclusão social de pessoas que utilizam a variante não padrão cresça de maneira desordenada acarretando em muitos outros problemas, inclusive para quem sofre esse tipo de discriminação.

No Brasil é muito comum a ocorrência desse tipo de preconceito. Como afirma Bagno (2007) “O preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui”. O país possui uma vasta variedade de línguas, isto pelo fato de ter sofrido ao longo da história, a influência de vários povos que chegaram até aqui vindos de outros continentes e que acabaram por contribuir com essa diversidade de línguas faladas aqui, sem falar nas inúmeras tribos indígenas que habitavam o país muito antes da colonização e que até os dias atuais ainda existe um número significativo de povos indígenas espalhados por toda a região brasileira.

Nos perguntemos então, como surgiu essa problemática que é tão comum na sociedade hoje em dia? Esse problema se arrasta durante o curso de nossa história, trata-se do simples fato de que, quem detém o poder dita as regras a serem seguidas. dessa forma, a classe que tem menos prestígio, menor poder aquisitivo torna-se submissa tendo que aceitar as normas escolhidas pelas classes mais privilegiadas. Essa situação acaba fazendo com que os próprios falantes da variante menos prestigiada, achem que o modo como falam é inferior aos demais, Calvet (2004, p.72) diz que o preconceito surge “[...] quando os falantes consideram seu modo de falar pouco valorizador e têm em mente outro modelo, mais prestigioso [...]”. Daí começa a surgir a hostilização de quem não utiliza a norma culta, toda e qualquer forma de comunicação diferente desse padrão imposto pelos detentores do poder é estigmatizado, considerado errado e fora dos padrões aceitáveis pela sociedade culta. Bagno (2003, p. 76) afirma que:

Os discursos em prol da pureza do idioma estão associados a um forte preconceito (linguístico) em vigor em nosso país desde a época da colonização; discurso esse que se sustenta na premissa de que há apenas uma forma (correta) de falar/escrever português, forma essa denominada norma culta que de tão amplamente difundida pela escola, assumiu a condição de norma padrão.

Cheguemos, portanto, até os dias atuais e constatamos que o cenário do preconceito linguístico não mudou, apesar de ter havido um avanço no combate as diversas formas de preconceito, no que diz respeito ao linguístico ainda está muito presente no dia-a-dia: Bagno (2007, p. 14)

Infelizmente, porém, essa tendência não tem atingido um tipo de preconceito muito comum na sociedade brasileira: o *preconceito linguístico*. Muito pelo contrário, o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado”, sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos.

Como no período colonial, a classe privilegiada é a detentora do poder, portanto, é a que continua ditando as regras, o “certo” e o “errado”. Sendo o Brasil um país marcado pela grande desigualdade social na qual vive a maior parte da população, observamos que os cidadãos que fazem parte das classes menos privilegiadas são em sua maioria pessoas pobres que não tiveram a oportunidade de adentrarem em sala de aula por motivos diversos, o fato é que, uma boa parte da população brasileira é analfabeta ou semi analfabeta, sendo assim não fazem uso do que chamamos de norma-culta, não utilizam a

norma padrão da língua portuguesa a qual é venerada pela elite da sociedade, portanto o português não-padrão passou a ser uma língua utilizada apenas pela população pobre, marginalizada, que vive as margens da sociedade, quanto a isso Bagno (2007,p.37) diz que “Neste caso, o preconceito linguístico é decorrência de um preconceito social”, essas pessoas são simplesmente hostilizadas, apontadas muitas vezes como pessoas desprovidas de inteligência e que não sabem falar o português “certo”. Por esta razão são afastadas do convívio social dos que falam “certo” tendo apenas que interagir com seus iguais e ocupar os lugares mais baixos da sociedade. Bagno (2007, p. 35) afirma que:

Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”.

Este é um fato lamentável, pois não há uma maneira exatamente correta de se comunicar, cada cidadão não importando sua classe social está inserido em uma esfera ou grupo onde desenvolvem seus próprios meios de expressão. Bagno (2007) diz ainda a respeito disso:

Todas elas têm o seu valor, são veículos plenos e perfeitos de comunicação e de relação entre as pessoas que as falam. Se tivermos de incentivar o uso de uma norma culta, não podemos fazê-lo de modo absoluto, fonte do preconceito. Temos de levar em consideração a presença de regras variáveis em todas as variedades, a culta inclusive.

Tentar impor uma variante linguística como sendo a única e absoluta forma de comunicação é ignorar completamente a língua como sendo um organismo vivo, além de aumentar e instigar ainda mais a discriminação com as muitas outras variáveis linguísticas existente em diferentes lugares do país, podendo assim acarretar em algo muito mais sério. Leite (2008, p. 22) afirma que:

O preconceito não surge exclusivamente de uma dicotomia, pode ser uma rejeição, um ‘não querer’, um ‘não gostar’ sem razão, amorfos, e pode até mesmo não se manifestar; a intolerância, por sua vez, nasce necessariamente de julgamentos, de contrários, e se manifesta discursivamente. É resultado da crítica e dos julgamentos de ideias, valores, opiniões e práticas.

Conclui-se então diante de todo exposto, que o preconceito linguístico ainda se faz muito presente na sociedade. Como afirma Bagno (2007, p. 62) “Mas os preconceitos, como bem sabemos, impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de

estar no mundo. Para acabar com esse problema é preciso que se respeite as variedades linguísticas, que se compreenda que cada grupo social tem seu próprio dialeto, que cada um tem sua própria maneira de interpretar a língua de acordo com a necessidade de seu grupo social. Bagno (2007, p.62) diz ainda que “É necessário um trabalho lento, contínuo e profundo de conscientização para que se comece a desmascarar os mecanismos perversos que compõem a mitologia do preconceito. A língua é muito mais que seguir e aplicar com exatidão uma dúzia de regras pré requisitadas por uma elite que acha que pode denominar o que é “certo” e o que é “errado”. Ela é um organismo vivo, tal qual os falantes que a utilizam, sendo assim está em mudança o tempo inteiro e se deve acompanhar essas mudanças.

## **METODOLOGIA**

Levando em consideração tudo que foi exposto a respeito do preconceito linguístico e para que fosse realizado a pesquisa e coleta das informações e dados necessários, esta pesquisa foi dividida em duas etapas. Na primeira, foi feito primeiramente uma breve pesquisa bibliográfica na qual a principal obra que embasou a questão do preconceito foi o livro de Marcos Bagno “Preconceito Linguístico: como é, como se faz”, além de algumas outras obras que também deram suporte para esta pesquisa.

Na segunda parte da pesquisa, para que fosse possível fazer uma conexão entre o embasamento teórico e prática, foi feita uma pesquisa de campo. O método utilizado na pesquisa foi o método quantitativo que de acordo com Fonseca (2002) “A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de

um fenômeno, as relações entre variáveis, etc.”. Assim foi possível ter uma compreensão mais clara da situação pesquisada pois levou-se em conta principalmente a forma como cada participante lida com as questões em estudo. O tipo de pesquisa utilizada nesse estudo foi o descritivo, pois foram realizadas análises do meio físico e as devidas interpretações, no intuito de descobrir a frequência com que ocorre tais fenômenos, sem nenhum tipo de interferência ou manipulação dos dados coletados pelo do pesquisador.

Sendo uma pesquisa de campo, o estudo foi realizado na rua Maria Madalena, no bairro de Santa Luzia. Um bairro periférico, considerado um dos maiores da cidade, e com o maior número moradores com baixa renda e baixo grau de escolaridade.

A pesquisa foi realizada com moradores da rua acima citada, foi selecionado um distrito com aproximadamente 12 pessoas entre 20 e 40 anos, sendo 6 homens e seis mulheres. Todas essas pessoas são pessoas que por motivos diversos tiveram que interromper seus estudos, a maioria não terminou o ensino fundamental e outros poucos tem apenas o fundamental, porém não concluíram o ensino médio.

Como tratava-se de uma pesquisa de cunho qualitativa e descritiva, foram feitas observações na fala de cada entrevistado, também foi utilizado questionários com questões voltadas a situações sociais vivenciadas por eles, com caráter exploratório. Como afirma GILL (2002, p. 42):

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e um de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como questionários e a observação sistemática.

Foi distribuído para cada pessoa um questionário contendo 12 perguntas, subjetivas e objetivas, não havendo obrigatoriamente necessidade de identificação dos participantes, haja a vista que alguns entrevistados pediram para que não se identificassem.

Nesta atividade em campo, os principais conceitos analisados, foi a questão do preconceito linguístico, como esse fator influencia e interfere na vida social de cada uma dessas pessoas e como elas lidam com isso. Foram então, coletados os materiais necessários para que pudesse ser feito um possível diagnóstico que serviu para obter os resultados finais proposto pela referida pesquisa.

## **ANÁLISES E DISCUSSÕES**

Para ser possível a realização deste artigo, acompanhou-se um grupo seletivo de pessoas, ambas residentes na rua Maria Madalena, bairro Santa Luzia no município de Maués. Com o intuito de identificar de uma forma mais clara a variante que este grupo

usa e assim observar os efeitos que esta variante pode causar no convívio social desses indivíduos.

Tabela 1

INTREVISTADOS	5	3	2	0
Você tem que repetir o que fala para ser bem compreendido?	Sim	Não	Algumas vezes	Não sei

Fonte: SILVA, Francinilda Andreice Brandao. 2019.

É notável que nos dias atuais há uma quantidade enorme de variantes utilizadas pelos falantes da língua portuguesa. É o que afirma Bagno (2008), quando diz que são faladas mais de dezenas de línguas indígenas, línguas trazidas pelos imigrantes europeus, asiáticos, línguas surgidas das situações de contato nas extensas zonas de fronteiras com os países vizinhos. No entanto, é comum também observar que junto com essas variantes vem também o preconceito, principalmente com a população que possui um grau de escolaridade inferior, pois é neste grupo especificamente que encontramos pessoas que fazem uso da variante menos prestigiada. Nesse contexto, foi feito ao grupo alvo de nossa pesquisa uma pergunta de modo que pudesse identificar qual a variante utilizada por eles. Veja na tabela a seguir.

Tabela 2

Palavras mais utilizadas			1	4		1	4
Tem alguma palavra abaixo que você fala de uma forma e muitos falam de outra forma? Se			(x) prode	(x) vevi			(x)cumeno

tem marque a que você utiliza com mais frequência.	( ) calvão ( ) carvão	( ) chicrete ( ) chiclete	( ) podre	( ) vivi	( ) celveja ( ) cerveja	(x) falano ( ) falando	( ) comendo
--	--------------------------	------------------------------	-----------	----------	-------------------------------	------------------------------	-------------

Fonte: SILVA, Francinilda Andreice Brandao. 2019.

Como podemos observar na tabela acima, as palavras marcadas pelo grupo entrevistado foram exatamente as palavras que fazem parte da variante menos prestigiada é importante ressaltar que todos os participantes desta pesquisa são pessoas com um baixo grau de escolaridade, o que nos reforça a ideia de que a população pertencente as classes menos favorecidas tem uma variante linguística diferenciada das classes mais privilegiadas, ou seja uma variante linguística considerada inferior pelas classes mais acima, entrando assim em conformidade com Alkmi (2001) quando diz que em relação a vida social, há sempre uma ordenação valorativa das variedades linguísticas em uso que reflete a hierarquia dos grupos sociais. Isto é, em todas as comunidades, existem variedades que são consideradas superiores e outras inferiores.

Tabela 3

INTREVISTADOS	3	7	0
Você acha que tem alguma alteração na fala?	Não	Sim	Não sei responder

Na tabela 3, como é possível notar acima, os entrevistados foram questionados com uma pergunta para que pudesse ser constatado se os mesmos eram conscientes de que utilizavam uma variante diferente da norma padrão. Diante desse questionamento foi possível constatar que a maioria dos entrevistados é consciente de que sua variante linguística é diferente da variante utilizada por grupos com uma rentabilidade e um grau de escolaridade mais acima do deles. Os demais que marcaram a resposta “não” relataram que não há nada de errado no modo como falam, atestando que as pessoas que convivem com eles entendem perfeitamente a mensagem que desejam passar. No entanto a quantidade de pessoas que acham que há algo errado na forma como falam é bastante superior, isso pode ser consequência de vários fatores e o principal deles é o preconceito que sofrem quando em contato com outros grupos sociais que não sejam o deles próprio, os mesmos



acabam se sentindo inferiores aos demais, como alguns entrevistados relataram, justamente por haver uma hostilização vindas de outros grupos. Isso reforça a ideia defendida por Bagno (2007) quando afirma que “Neste caso, o preconceito linguístico é decorrência de um preconceito social”. Continuando nesta mesma linha de raciocínio, buscando coletar dados um pouco mais conclusivos, foi feita então uma pergunta um pouco mais específica sobre esta questão, como podemos ver no gráfico a seguir.

Tabela 4

INTREVISTADOS	8	1	1	0
Você já foi excluído de uma conversa por causa da maneira como você pronuncia algumas palavras?	Sim	Sempre sou excluído	Raramente	Não

Analisando a tabela 4 acima exposta, podemos constatar que dos dez entrevistados, todos já foram excluídos pelo menos uma vez de conversas por causa da maneira como pronunciam determinadas palavras. O que reforça ainda mais a ideia de que essas pessoas são alvos recorrentes de preconceito por fazerem uso de uma maneira diferente de fala. Leite (2008) nos diz o seguinte em relação a isso “O preconceito não surge exclusivamente de uma dicotomia, pode ser uma rejeição, um ‘não querer’, um ‘não gostar’ sem razão, amorfos, e pode até mesmo não se manifestar...”. Ficou bastante claro diante desse gráfico, que a exclusão dessas pessoas é quase que total, a variante menos prestigiosa utilizada por esse grupo de pessoas vem causando a eles uma grande dificuldade de se relacionar com as demais classes, exatamente pelo fato do preconceito que cai sobre eles. A tabela a seguir nos dá uma dimensão mais apurada.

Tabela 5

INTREVISTADOS	8	0	2
Você já sofreu algum tipo de preconceito por ter falado algo	Sim, sempre sofro discriminação	Não, nunca sofri discriminação	Raramente sofro discriminação

considerado “errado” por alguém?			
-------------------------------------	--	--	--

Na tabela 5, os entrevistados foram questionados para saber se já haviam sofrido algum preconceito por algo que tivessem falado e que alguém considerou “errado”, 8 de 10 pessoas responderam que sempre sofrem discriminação, 2 responderam que raramente sofrem, ou seja, todas as 10 pessoas entrevistadas já foram discriminadas alguma vez. Algumas pessoas relataram, que em certas ocasiões, serviram de chacota para outras pessoas por causa do seu falar “errado”. Ainda é muito difícil hoje em dia, as pessoas compreenderem que cada grupo tem sua maneira distinta de utilizar o português, por esta razão muitos ainda discriminam os que diferem deles, principalmente quando se diz respeito a fala e piora ainda mais se este falante foi de uma classe inferior. Como afirma Bagno (2006) “[...] as pessoas que dizem Cláudia, praca, pranta pertencem a uma classe social desprestigiada, marginalizada, que não tem acesso à educação formal e aos bens culturais da elite, e por isso a língua que elas falam sofre o mesmo preconceito que pesa sobre elas mesmas...”. Uma problemática ainda muito comum e que causa muitos danos aos que sofrem esse preconceito.

Tabela 6

INTEVISTADOS	7	3	0
Você se sente envergonhado ou constrangido quando alguém corrige algo que você fala?	Sim	As vezes	Não

Na tabela 6 foi questionado se os entrevistados se sentiam envergonhados ou constrangidos quando eram corrigidos por algo que haviam falado, a maioria respondeu que sim, 3 pessoas apenas responderam “as vezes”. Aqui podemos perceber, uma das consequências que esse tipo de preconceito causa e mais que isso, podemos perceber como as pessoas se afetam com essa ação, a intolerância exercida pelas classes mais

privilegiadas, afeta de forma brutal esses indivíduos das classes desfavorecidas, afeta não apenas física mais principalmente emocionalmente, em conformidade com o exposto Leite (2008) diz que “a intolerância, por sua vez, nasce necessariamente de julgamentos, de contrários, e se manifesta discursivamente. É resultado da crítica e dos julgamentos de ideias, valores, opiniões e práticas.”

Tabela 7

INTREVISTADOS	5	3	2
você tem dificuldade de se relacionar com as pessoas em seu ambiente de trabalho ou escola por causa da sua maneira de falar?	Sim	Algumas vezes.	Não

Nesta última tabela, verificamos como essa questão da variante utilizada por eles tem afetado o relacionamento com as pessoas em seu ambiente de trabalho ou escolar. Nessa questão 5 pessoas responderam “sim”, 3 pessoas responderam que “algumas vezes” e 2 responderam que “não”. Nesta questão como podemos observar, o número de pessoas que tem dificuldade pra se relacionar com outras pessoas por causa da fala dentro desses ambientes é maior que as demais opções. De acordo com essa tabela é correto afirmar que a variante utilizada por estes indivíduos, vem trazendo a eles uma grande dificuldade de socialização. Sabemos pois, que vivemos em uma sociedade extremamente preconceituoso e desigual, o preconceito linguístico é um dos principais meios de discriminação dentro da sociedade em que estamos inseridos, como afirma Bagno (2007) “Mas os preconceitos, como bem sabemos, impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo”. Infelizmente esse preconceito é real e está vivo dentro da sociedade, e os principais afetados por ele são as classes mais abastadas, desprovidas de qualquer defesa que seja estão fadas a suportar esse tipo hostilização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todas as discussões e problemáticas que foram debatidas no decorrer deste trabalho, é inegável dizer que no Brasil a uma infinidade riquíssima de variantes linguísticas. No entanto essas múltiplas facetas da língua portuguesa vêm causando a décadas um problema muito sério dentro da sociedade, é o que chamamos de preconceito linguístico.

A ideia de que existe apenas uma forma correta de se falar o português, pregada pela elite os quais fazem uso da norma padrão da língua, faz com que os demais que não fazem uso dessa mesma norma padrão, sejam excluídos, marginalizados e considerados inferiores. Isso é uma prática que pode ser observada em todas as instâncias sociais, como pudemos constatar nas pesquisas de campo realizadas neste artigo.

O preconceito que essas pessoas sofrem é totalmente decorrente da intolerância de pessoas que não aceitam, ou até mesmo não possuem o conhecimento aprofundado em relação a diversidade cultural que o Brasil possui, haja a vista que decorrente dessa pluralidade cultural que se intensifica a vasta variedade linguística do país.

Conclui-se, portanto, que o estudo aprofundado das variedades linguísticas, da sociolinguística e de suas vertentes é extremamente importante para que se compreenda que não há apenas uma forma de falar o português, que o todo grupo social tem sua própria maneira de trabalhar a língua e que se há compreensão então a comunicação é válida. Assim, será possível começarmos a pensar em um dia quem sabe abolimos esse mal chamado preconceito linguístico, que contribuiu tanto para o crescimento da desigualdade social.

## Referencias

- ALKIMIN, Tânia Maria. **Sociolinguística**. In. BENTES e MUSSALIN (Org.). **Introdução à linguística – domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico- O que é, e como se faz**. 40 edição. São Paulo: Edição Loyola, 2006.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2ª Ed. São Paulo: Atlas, 1987.

GOFFMAN, Erving. **A situação negligenciada**. In: RIBEIRO, B. T. & P. M. GARCEZ (orgs.). **Sociolinguística interacional:**

**antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso**. Porto Alegre: AGE, 1998.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTELLOTA, Mário Eduardo (Orgs.). **Manual de linguística: sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.